

31 JUL 1981

TRIBUNA DA IMPRENSA/5

Carlos Chagas

sem

Dificuldades de Sarney

BRASILIA — Num esforço elogiado inclusive no Palácio do Planalto, o senador José Sarney tenta recompor os pedaços do PDS implodidos pelo recente relatório preparado sobre a reforma eleitoral. Com cautela, e sem partilhar publicamente das críticas generalizadas ao documento, ele sustenta que o partido cumpriu o seu dever, alinhando opiniões diversas a respeito das alterações em pauta às regras do jogo. Continua disposto a conciliar as duas paralelas principais da atualidade: o interesse geral, do Governo, e os interesses particulares, dos grupos pedesistas. Nessa tentativa, não deixa de sustentar posições firmes, contra casuísmos em demasia e, especialmente, contra a hipótese de as reformas tramitarem sob a mecânica do decurso de prazo. Acha que só o consenso determinará o sucesso dos projetos que, salvo engano, chegarão logo ao Congresso.

Aqui, a situação enrota, pois entre salvar os dedos, mesmo entregando os anéis, o comando político palaciano não hesita. Contra a vontade de consideráveis setores pedesistas, a sublegenda de governador, a vinculação dos votos proporcionais e a proibição de coligações partidárias serão aprovadas por decurso de prazo, caso se verifiquem impasses de quorum ou reações nas bancadas governistas. Quando isso ocorrer, como ficará o presidente do PDS? Fará as vezes de Pilatos, deixando que as coisas sigam o curso de sempre, mesmo contra a natureza, impondo-se goela abaixo da classe política mais um sapo de razoáveis proporções? Ou participará ao Palácio do Planalto que assim não dá, senão estimulando, ao menos permitindo resistências?

Em qualquer dos casos,

sua sorte estará lançada, e não será boa, pois os casuísmos referidos, com ou sem o apoio do PDS, através da tramitação ordinária ou pelo decurso, vão virar Lei em pouco tempo. No fundo, assiste-se a repetição do drama encenado desde que Castello Branco, em 1965, dissolveu os já antiquíssimos partidos. Tudo se faz de cima para baixo, na base da tutela ou, pior ainda, na suposição do que seriam os interesses maiores do partido, mesmo sem o ser. Quando eles se acoplam às necessidades da legenda oficial, chamem-se Arena ou PDS, tudo bem. Quando divergem, azar da parte mais fraca. O Governo entende que apenas com as reformas evitará a derrota fragorosa no ano que vem, mesmo se, para isso, precisar sacrificar alguns contingentes pedesistas que o respaldam.